

Suzana Leite **CORTEZ**
Universidade Federal de Pernambuco – Brasil

Estilo e construção do ponto de vista em textos da mídia escrita

Estilo y construcción del
punto de vista en los textos
de los media escritos

Style and construction
Of the point of view
in written media texts

Recebido em: 15 jul. 2011
Aceito em: 09 set. 2011

Doutora em Linguística pela UNICAMP, atua na área de estudos do texto e do discurso; como pesquisadora PRODOC do PPG em Letras da UFPE, estuda a construção do ponto de vista em textos da mídia.
Contato: sucortez@terra.com.br

RESUMO

Este trabalho analisa de que maneira a emergência do estilo relaciona-se à construção do ponto de vista em textos da mídia escrita. Baseando-se em uma perspectiva ampliada de estudo do estilo, não restrita à problemática do autor, este trabalho propõe que a variação estilística, pessoal ou coletiva, está ligada à construção do ponto de vista, ou seja, a forma como o locutor assume seu lugar no discurso em meio a outras vozes e pontos de vista. É por esse lugar que se configura no discurso uma identidade pessoal ou institucional. Sendo assim, propomos analisar comparativamente como essa estilização emerge em dois gêneros do domínio jornalístico: o artigo de opinião e a reportagem.

Palavras-chave: estilo; ponto de vista; subjetividade.

RESUMEN

Esto trabajo analiza de qué modo la emergencia del estilo si relaciona a la construcción del punto de vista en los textos de los media escritos. Fundamentándose en una perspectiva amplia del estudio del estilo, no restricta a la problemática del autor, esto trabajo propone que la variación del estilo, personal o colectiva, este ligada a la construcción del punto de vista, o sea, el modo como el locutor asume su hogar en el discurso en medio a otras voces y puntos de vista. Es por eso hogar que se configura en el discurso una identidad personal o institucional. Así siendo, proponemos analizar en comparación como esa estilización emerge en dos géneros del dominio periodístico: el artículo de la opinión y del reportaje.

Palabras clave: estilo; punto de vista; subjetividad.

ABSTRACT

This paper examines how the emergence of the style is related to the point of view construction in written media texts. Based on an expanded perspective of the study of style, not restricted to the problem of the author, this work suggests that the stylistic variation, personal or collective, is linked to the point of view construction, how the speaker takes his place in the speech in the midst of other voices and viewpoints. It is for this place that in discourse sets a personal or institutional identity. We propose a comparative analysis on how the styling emerges into two genres of the journalism domain: the opinion article and the report.

Keywords: style; point of view; subjectivity.

Introdução

Nas diversas práticas de interação social, os indivíduos estão constantemente representando dizeres, conhecimentos e comportamentos para que possam afirmar-se e identificar-se no meio social. Nesta trama dialógica de representação e afirmação de si, o discurso é constituído de diferentes vozes que sinalizam diferentes pontos de vista. É nesse contexto que a problemática do estilo inscreve-se na dimensão socioideológica. Seu valor não pode ser visto como um dado intrínseco, ou como algo apenas de ordem individual, mas como algo contrastivo na relação com outros valores, práticas e comportamentos languageiros.

Contrariamente a uma abordagem ornamental do estilo e de uma perspectiva que o enquadra na distinção individual *versus* coletivo, consideramos o estilo em sua dimensão global – coletiva e ao mesmo tempo singular –, o que permite levar em conta tensões que configuram sua problemática. Tal problemática nos conduz a considerar o estilo como uma espécie de “lugar onde melhor se manifesta a dinâmica de construção/especificação de si através do retrabalho das formas sociais e culturais pelas quais os indivíduos exprimem a relação entre eles, sua relação com o mundo e com a linguagem” (RABATEL, 2007:25).

Nessa dinâmica, Rabatel (2007) assinala que o estilo oscila entre reprodução e inovação, operando no plano de grandes unidades, como o texto e o discurso, que se organiza a partir de convenções funcionais e estéticas. Por essa ótica, o estilo é abordado por uma análise mais ampla da comunicação humana e da interação social, podendo se integrar à teorização social corrente sobre a linguagem, o discurso, as relações sociais e a individualidade (COUPLAND, 2001:186).

Nessa teorização, destacamos a dimensão textual do estilo, que de acordo com Détrie (2001), não resulta apenas de um agenciamento pessoal das formas linguísticas, porque trabalha a textualização e por ela é trabalhada. Nesse sentido, consideramos o estilo como a escolha que o locutor/enunciador efetua a partir de possibilidades enunciativas determinadas historicamente, atreladas aos gêneros do discurso (cf.: BAKHTIN, 1979) e às expectativas do interlocutor. Com explica Détrie (2001:148), o estilo é um misto de práticas sociais e individuais ou o arranjo de agenciamentos microlinguísticos, eminentemente heterogêneos, que mesclam regularidades a uma esfera sociodiscursiva e a zonas de variação, pelo fato de que toda enunciação é singular, estando subordinada a uma interação verbal, ela mesma singular.

Como consequência, não podemos deixar de concordar com Neveu (2001:14) que todo texto e todo discurso possuem uma dimensão estilística. A generalidade dessa afirmação, no entanto, não esconde a complexidade da problemática do estilo, compreendido mais como processo do que como objeto, relação mais do que resultado, singularização mais do que singularidade.

É por essa dimensão textual-discursiva que entendemos que o estilo pode ser analisado em textos da imprensa escrita, particularmente por uma análise comparativa entre reportagens e artigos de opinião, em que se veiculam e se constroem pontos de vista para a afirmação de identidades pessoais ou sociais. Assim, será apresentada neste artigo a análise comparativa de um artigo de opinião e de uma reportagem, ambos publicados na revista *Veja* em março de 2005. Objetivamos com esta análise mostrar a dimensão socioideológica do estilo, ao mesmo tempo em que nos interrogamos sobre a diferenciação estilística entre esses gêneros.

Considerando ainda que a neutralidade na imprensa é um mito, ou que a construção do ponto de vista em reportagens dá-se por uma ilusão de imparcialidade (ou objetividade), porque sempre haverá subjetividades manifestadas, nós nos interrogamos: há particularidades na construção do ponto de vista nestes gêneros que podem interferir no agenciamento do estilo? Uma hipótese motivadora para responder a essa questão é que nestes gêneros projetam-se identidades pessoais ou coletivas, de modo que o locutor (colunista ou repórter), ao construir o ponto de vista do seu texto, acaba por apresentar a “si” e ao outro no discurso.

Visando desenvolver e discutir essas questões, abordaremos, primeiramente, a problemática do estilo, seguindo pressupostos da sociolinguística e da antropologia linguística (COUPLAND, 2001; IRVINE, 2001). Em seguida, discutiremos os pressupostos que fundamentam a abordagem enunciativo-interacional do ponto de vista (RABATEL, 2001, 2007, 2008). Por fim, articularemos a questão do estilo à construção do ponto de vista na análise do artigo de opinião e da reportagem.

Perspectiva socioideológica do estilo: manejo e distintividade

Conforme expusemos preliminarmente na introdução deste artigo, o estudo do estilo orienta-se por uma abordagem interdisciplinar, que congrega postulações não apenas da linguística da enunciação, mas também da sociolinguística e da antropologia linguística. Essa perspectiva renovada tem enfocado, segundo Eckert e Rickford (2001),

o modo como o falante navega na dimensão social, o que permite voltar atenção para a vida social como um contínuo processo de construção de muitas categorias e identidades sociais, observando particularmente como o estilo participa desse processo.

Esta visão ampliada do estilo obriga a tratá-lo no interior de práticas e propósitos comunicativos, tal como propõe Coupland (2001), que compreende a *variação estilística* como algo estratégico em que o falante projeta em todos os contextos versões de sua identidade pessoal e social. Ao mesmo tempo, possibilita tratar a variação como um processo dialógico em que as escolhas estilísticas voltam-se para a negociação, inferência e interpretação complexas, como um modo de transmitir categorizações sociais. Desse modo, os estilos dialetais que caracterizam a prática de uma comunidade linguística, por exemplo, apresentam uma *carga cultural e ideológica*. Por isso, falar de um dialeto particular é considerar uma posição social e cultural. Encontram-se aí as bases para a concepção de estilo como *manejo de personas*¹, em que os estilos carregam potenciais de formação de identidade.

É justamente sobre este aspecto da teoria de Coupland (2001), enquanto *manejo de personas*, que algumas considerações merecem ser feitas quanto aos textos da imprensa que aqui serão analisados. No caso da reportagem, o manejo de personas não pode ser aplicado nesta dimensão do próprio “eu” que manipula os recursos e se apresenta estrategicamente, pois o que observamos neste produto midiático é um estilo que tem na base da produção o discurso socioideológico da revista. Neste sentido, a revista parece funcionar como uma espécie de *narrador* que estiliza, manipula e engendra pontos de vista para fazer valer sua perspectiva. Por outro lado, em se tratando do artigo de opinião o que se observa é justamente o manejo de identidade pessoal, ou seja, de um sujeito particular que faz valer não apenas seu ponto de vista, mas também seu espaço na revista, consagrado através de uma coluna que tende a polemizar, e ironizar, temas em pauta na sociedade. É por tal força expressiva que ele projeta sua identidade, elegendo um estilo, como podemos perceber no fragmento abaixo:

(1)

Eu defendo os jovens da Febem. Eu os defendo porque eles são criminosos, delinquentes e marginalizados. Eu os defendo porque são feios, pobres, analfabetos. Eu os defendo porque são pretos e pardos. Eu os defendo porque eles têm muitas cicatrizes e poucos dentes. Porque são párias da sociedade. Porque são tratados como lixo humano, escória social, monturos desprezíveis. Eu os defendo porque

¹ Tradução do termo inglês *persona management*.

estão do lado errado da vida, estão no avesso do conforto, do prazer, do brilho. (PETRY, André. Demagogia Juvenil. **Veja**, São Paulo, 23 mar. 2005, ed. 1897)

É evidente nesse trecho o tom polemizador com que o colunista tece os comentários acerca da situação que enfrentam os meninos da Febem, assim como a forma como os designa, porque são interpretados como “párias”, “lixo”, “escória”, “monturos”. É esse caráter residual e desprezível, o fato de serem “criminosos”, “marginalizados”, “delinquentes”, “feios”, “pobres” e “analfabetos”, que chama a atenção do locutor (e do leitor). Isso faz com que ele enriqueça a força argumentativa de seu texto, afirmando-o, afirmando-se e assumindo seu ponto de vista a partir do que é intolerável para a sociedade e para os próprios jovens. Claro está que o estilo não se dá apenas pelos itens lexicais destacados, isto é, a força ou marca estilística não é exclusividade desses itens. Contudo, é esse arranjo lexical e seus sentidos que, na progressão tópica da reportagem, configuram o estilo do colunista, sua voz e identidade pessoal em meio a distinções, inclusive outras vozes e outros pontos de vista. Assim, o colunista faz valer seu estilo por argumentos que ele reinterpreta para chamar a atenção dos leitores e persuadi-los.

Se, para Coupland (2001), a identidade pessoal pode ser compreendida num sentido sociolinguístico e interativo, em que as formas linguísticas e discursivas são marcadas socialmente, sendo culturalmente significativas, para Irvine (2001), esta preocupação com a representação do “eu” em que indivíduos se identificam a partir de variedades disponíveis na comunidade linguística faz parte da ampla variedade de fenômenos envolvidos na noção de estilo. Irvine enfatiza processos de distintividade que se constituem na coletividade, no contraste e não apenas na relação do indivíduo com os recursos linguísticos. O contraste estabelecido no texto do colunista André Petry, por exemplo, revela-se por essa negação da forma como o governo e a própria sociedade tratam os menores. Os itens lexicais destacados neste trecho evidenciam um leque semântico de discriminação e marginalidade alimentado pela própria sociedade e reconhecido pela comunidade linguística da revista. Contudo, para chamar atenção e mobilizar outros efeitos de sentido, o colunista assume esse leque, defendendo os jovens nesse horizonte desprezível em que estão implicados.

Para a análise e compreensão do estilo, Irvine (2001:28) sugere menos ênfase no estudo da variedade estilística como objeto em si para estudá-la em meio a processos de distinção, e assim, pôr em foco princípios de diferenciação concernentes à questão do

estilo: “uma vantagem de focar-se em tais princípios de diferenciação sociolinguística é a de que neles, e em sua matriz ideológica, podemos olhar para a motivação de ao menos alguns dos traços linguísticos pelos quais as variedades são caracterizadas”.

Por esta visão antropológica, o estilo inclui não só o fato de estar associado a padrões e variações relativamente estáveis ligados a situações institucionalizadas, profissões etc, mas também às diferentes maneiras pelas quais os indivíduos navegam entre variedades disponíveis, tentando encorpar a representação de um “eu” distintivo, que pode ser subdividido em um sistema diferenciado. Dessa forma, o tratamento do estilo defendido pela autora envolve princípios de distinção que, ao se estender para além do sistema linguístico, abarcam outros aspectos do comportamento, invocados e organizados semioticamente tanto no nível pessoal como institucional.

Nesta direção, Irvine (2001) postula que o estilo diz respeito à distintividade, ainda que possa caracterizar um indivíduo, porque o faz numa rede social, em um *sistema de distinção*, no qual um estilo contrasta com outros estilos possíveis, e o significado social sinalizado pelo estilo contrasta com outros significados sociais. Interessante notar que no exemplo (1), essa distinção torna-se evidente já que o autor constrói seu ponto de vista e configura seu estilo justamente no contraste, ou seja, valorizando e assumindo aquilo que comumente seria negado: o fato de posicionar-se a favor dos meninos da Febem pelas razões que a sociedade despreza, ou seja, o fato de serem “pobres”, “pretos”, “feios”, “delinquentes”, “analfabetos” etc, fazendo com que ele coloque em foco tais adjetivos.

Esta concepção ampliada do estilo, como uma “semiose social de distintividade”, tal como aponta Irvine (2001: 21) apoia-se em trabalhos sociológicos, entre os quais identificamos Bordieu (1979), para quem o espaço social é construído na base de princípios de diferenciação, sendo um espaço de relacionamentos e não de grupos.

Consequentemente, podemos dizer, conforme Bordieu (1985), que esta construção ligada à determinada experiência social, pertence, na prática, ao domínio da expressão verbal e por isso, estas categorias de percepção do mundo social são produtos da internalização e da incorporação das estruturas objetivas do espaço social. Nesse sentido, através de suas distribuições e propriedades, o mundo social alcança o estatuto de *sistema simbólico*, organizado de acordo com a lógica da diferença, constituindo, assim, uma *distinção* significativa: “O espaço social, e as diferenças que ‘espontaneamente’ emergem dentro dele tendem a funcionar simbolicamente como um

espaço de estilos de vida” (BORDIEU, 1985:203). Este poder de distinção produz, assim, separações que devem ser percebidas, ou melhor, concebidas e reconhecidas como diferenças legitimadas, como se fossem naturalmente instituídas.

Em proveito dessa reflexão, entendemos que as revistas analisadas neste trabalho, como instrumentos da mídia, incorporam não apenas certo saber social com o qual seu público-alvo se identifica, mas também ditam um modo de pensar, o que caracteriza a manipulação discursiva e consequente ausência de neutralidade em relação aos temas abordados. Isto motiva nosso interesse em observar a constituição e emergência do estilo neste domínio discursivo-midiático, em que pontos de vista sociais e individuais são representados pela revista que deseja atingir sua audiência e captar leitores para os produtos midiáticos. É com estes produtos midiáticos que os leitores se identificam em termos ideológicos, ao verem seus pontos de vista projetados ou a partir dos quais constroem um ponto de vista.

Esta concepção dialogal de estilo ancora-se na perspectiva bakhtiniana de estudo da linguagem, em que ouvintes e falantes, como vozes sociais, atuam no funcionamento da linguagem, sendo nela e por ela constituídos. Assim, é possível reconhecer uma ligação entre as diferenças estilísticas e as diferenças entre os falantes. Tais contrastes linguísticos que estão na base da diferença entre os estilos não são arbitrários, segundo Irvine (2001), mas motivados por uma ideologia de língua que conecta identidade social à conduta verbal. Irvine acrescenta, além disso, que as diferenças linguísticas constituem representações icônicas dos contrastes sociais que indicam. Esta iconização está associada à ideia de que um traço linguístico é representativo do que é inerente a um grupo social ou comunidade de fala. Assim, não há como desvincular a conexão existente entre comportamentos linguísticos e categorias sociais (pessoas ou atividades) em diferentes domínios do discurso, particularmente nos produtos midiáticos que aqui são objetos de análise.

Podemos dizer, então, que o estilo como distintividade deriva não só de ideologias da língua, do espaço social em que os indivíduos circulam e constituem suas posições, mas particularmente de situações interativas nas quais os indivíduos atuam, projetando identidades e manejando recursos linguísticos conforme seu ponto de vista.

A construção do ponto de vista

Reconhecer o estilo por esta abordagem mais ampla possibilita-nos focalizar recursos linguísticos que indicam posições discursivas e, conseqüentemente, apontam para a manifestação da subjetividade. Estas posições, interpretadas como pontos de vista, podem ser examinadas pela abordagem enunciativo-interacional do ponto de vista proposta por Rabatel (2009). Esta teoria focaliza diferentes níveis de manifestação da presença ou da subjetividade no discurso. Como um fenômeno complexo, que vai além da dicotomia subjetivo *versus* objetivo, a subjetividade está diretamente relacionada à maneira como as instâncias se posicionam no discurso, ou seja: como elas assumem seu ponto de vista, configurando-o linguisticamente em meio a outros pontos de vista. Por essa ótica, a subjetividade deixa de ser apreendida como algo estanque, porque passa a considerar a relação do sujeito com os objetos de discurso na interação com outros sujeitos em um determinado gênero discursivo. Conseqüentemente, entendemos que o estilo pode ser analisado no domínio mais amplo da heterogeneidade discursiva, pois emerge em meio a diferentes vozes (enunciadores) que são representadas no discurso. Postulamos, então, que a emergência do estilo está diretamente ligada à construção do ponto de vista que, além de orientar argumentativamente o texto, contribui para manifestar a subjetividade daquele que fala – indivíduo, grupo social ou instituição.

Dada a sua dimensão argumentativa e interacional, a concepção do ponto de vista (*pdv*) traz à tona a importância do estatuto semântico-discursivo dos fenômenos lexicais. Assim, os sentidos devem ser contemplados por meio de aspectos que evidenciam a relação que os interlocutores estabelecem com esses itens, ou melhor, com os objetos de discurso, porque os recortam conforme seu ponto de vista. Rabatel (2001) propõe determinar a instância, origem do ponto de vista, a partir de um conjunto de marcas linguísticas que interferem na referência, incluindo as predicções como formas que auxiliam tanto na construção e captação do ponto de vista, como na interpretação dos referentes.

A ideia de que todo objeto de discurso remete a uma instância discursiva e a preocupação em analisar essa relação é contemplada pela diferenciação em três níveis de manifestação da subjetividade, que podem ser interpretados como modalidades do ponto de vista. Como formas de manifestação da presença, ora na direção do “eu”, ora na direção do outro, essas modalidades contribuem para presentificar o autor do texto, assim como aqueles *outros* que “falam” em seu texto ou que têm seus pontos de vista

(*pdvs*) representados. Assim, a (re)apresentação de si e do outro no discurso pode ser feita por meio de falas, pensamentos e percepções representadas (RABATEL, 2009). É pela representação que os sujeitos assumem papel e são corporificados no discurso, seja pelo que eles dizem ou disseram num contexto anterior, seja pelo que eles pensam ou por aquilo que é socialmente atribuído a eles no discurso. Por conta disto, as três modalidades do ponto de vista enquadram-se no domínio mais amplo da heterogeneidade discursiva, sendo identificados por Rabatel (2009) como *pdv representado*, *pdv narrado* e *pdv afirmado*.

O *pdv representado* evidencia-se pela expressão de percepções/pensamentos associados, com *debreagem*² enunciativa mínima nas "frases sem falas", podendo ser equivalente a um monólogo interior embrionário. Neste caso, a referência dêitica e espaço-temporal, é testemunha de um enunciador que nem sempre é nomeado, embora seja possível determinar sua presença. Já o *pdv narrado* corresponde aos casos em que um fragmento do texto enfatiza o comportamento (forma de agir) ou atitude de um dos enunciadores, sendo os fatos narrados conforme tal perspectiva, que se pode distanciar da perspectiva do autor. Esse processo expõe economicamente a subjetividade do enunciador, embora haja maior *debreagem* enunciativa se comparado ao *pdv representado*. Como não implicam asserções, tanto o *pdv representado* como o *narrado* encontram-se no terreno da atribuição, já que os enunciadores não falam por si.

Os *pdvs narrado* e *representado* não constituem um discurso direto típico ou um discurso representado diretamente através dos sinais de aspas, dois pontos ou travessão, como acontece com o *pdv afirmado*. O *pdv afirmado* é processado por *debreagem* enunciativa máxima, vez que exprime explicitamente falas, sendo percebido cada vez que um locutor fala, emitindo sua opinião ou julgamento sobre determinado fato. Segundo Rabatel (2009), esse *pdv* é predominante nos textos argumentativos³.

Vejamos a combinação dessas três modalidades do *pdv* no trecho da reportagem abaixo, no qual destacamos em itálico formas verbais que indicam: (1) ação, (2) percepção e (3) fala. Encontram-se sublinhadas as formas nominais que dão ênfase ao *pdv*.

² O termo *debreagem* pode ser interpretado como um conjunto de marcas linguísticas (pronomes, verbos, advérbios etc), que contribuem, em diferentes níveis, para ancorar o sujeito no discurso.

³ Referência a gêneros prototipicamente reconhecidos como argumentativos, tais como, um artigo de opinião, um editorial, uma resenha crítica, uma tese, um ensaio filosófico etc.

(2)

Tucanos, quando querem referir-se à vulnerabilidade do governador a ataques de adversários, (1) *costumam brincar* que Alckmin é como uma panela com teflon: nada gruda nele. Coincidentemente, porém, o governador só decidiu retomar o projeto de Covas depois que a ex-prefeita Marta Suplicy começou a usar a Febem para atacá-lo politicamente. Sinal de que o tucano (1) *pode estar começando a duvidar* da eficácia de sua blindagem teflon.

A demora do governo em livrar-se daquilo que (2) é tido como o fulcro da violência na Febem é ainda mais espantosa quando se sabe que a substituição dos mega complexos é, há tempos, a única idéia consensual entre os diversos setores envolvidos na questão dos menores infratores.(...) o modelo baseado em internatos menores, adotado por países considerados referência no assunto, como a Itália, já existe em pequena escala no Brasil desde 1993 e tem dado certo. No Internato Vila Conceição, um dos oito do gênero em São Paulo, os adolescentes têm – além de aulas que vão do ensino fundamental ao 2º grau – cursos de marcenaria, artesanato, informática e panificação, entre outros. Em Vila Conceição, 100% dos internos atendem às aulas, contra 30% dos jovens do Tatuapé. "Aqui, o educador tem mais facilidade em estabelecer um vínculo com o adolescente e convencê-lo de que estudar vai ser bom para ele. A relação é muito mais próxima", (3) *explica* Carlos José Vieira, diretor de Vila Conceição. (WEINBERG, Monica e RIZEK, André. A casa, finalmente, vai cair. **Veja**, São Paulo, 23 mar. 2005, ed.1897)

O primeiro trecho da reportagem é construído a partir do *pdv narrado* dos tucanos, o que pode ser detectado pelas duas formas verbais em destaque: “costumam brincar” e “pode estar começando a duvidar”. A comparação por meio da forma nominal “uma panela com teflon” remete à posição dos tucanos, por meio do verbo de ação metalinguística “costumam brincar”, isto é, ironizar. Do mesmo modo, a forma nominal “sua blindagem teflon”, utilizada ironicamente pelo jornalista, remete ao *pdv* dos tucanos que começam a duvidar de sua “blindagem”. Notemos que o pronome possessivo “sua” ancora o outro no discurso, isto é, os enunciadores tucanos, sendo um indício de *debreagem*.

Após este trecho, já no segundo parágrafo, aparece a expressão “o fulcro da violência na Febem”, que é indicativa de *pdv representado*. Embora o enunciador não seja nomeado, a percepção é interpretada como sendo atribuída a um enunciador genérico ou dóxico, porque constitui uma voz social ou um saber socialmente partilhado entre aqueles que conhecem o assunto. A expressão verbal em destaque “é tido” evidencia a percepção do conteúdo por meio de um enunciador genérico.

No final da reportagem, observamos que a presença do outro é marcada de forma direta no trecho entre aspas, seguido do verbo “afirmar”. Por meio deste *pdv afirmado*, o jornalista recupera por representação literal o discurso do outro, neste caso o de Carlos José Vieira, diretor de Vila Conceição. Assim, observamos *pdv afirmado* de Carlos José Vieira, que foi locutor em contexto anterior, porque afirmou esse discurso.

Embora os três *pdvs* analisados remetam ao *pdv* de outros enunciadores, não podemos deixar de assinalar que, em meio a essas vozes, o jornalista constrói o *pdv* da reportagem, que como tal representa a matriz ideológica da revista. Neste caso, o *pdv* da reportagem assinala o *pdv afirmado* do repórter ou mais precisamente o *pdv* da revista. Como não há verbo de fala (dizer, afirmar etc) ou de percepção (pensar, achar, sentir etc) que possa enquadrar de maneira mais explícita o *pdv* da reportagem, postulamos que as formas nominais são evidências desse posicionamento.

As expressões “sua blindagem teflon” e “a demora do governo” encapsulam ideias mencionadas em porção anterior do texto, evidenciando o *pdv* da reportagem. Sendo assim, a expressão “sua blindagem teflon” mescla dois *pdvs*: o *pdv narrado* atribuído aos tucanos pelo repórter e *pdv afirmado* do jornalista que reformula o conteúdo, ironizando a questão por meio do termo “blindagem”. Tal ironia contribui para descredibilizar a imagem do tucano, o que é, logo em seguida, reacentuado pelo termo “demora”, evidenciando a crítica da revista à atitude do governo.

A construção do ponto de vista, então, dá-se pela combinação de diferentes *pdvs* conforme o grau de manifestação da subjetividade no discurso. O *pdv afirmado* revela maior grau de explicitação em relação aos demais em contraposição ao *pdv narrado*, estando o *pdv representado* em um grau intermediário. De qualquer modo, a análise da construção do *pdv* contribui para observar o modo como o estilo emerge e consequentemente como os locutores afirmam sua identidade por meio da seleção lexical. Tal afirmação pode ser analisada por uma série de recursos linguísticos, dentre os quais destacamos as formas nominais. Estas formas, segundo Koch (2002) contribuem para a progressão tópica do texto e o estabelecimento da coesão e da coerência. Sendo minimamente constituídas por um determinante (artigo, pronome, adjetivo) e um nome-núcleo (substantivo), essas formas admitem modificadores, e se caracterizam por operar uma seleção dentre as diversas propriedades do referente que interessa destacar em dada situação. Tomemos como exemplo dessa seleção os nomes-núcleo analisados no exemplo (2): “demora” e “blindagem”, bem como o determinante “teflon”.

Ressaltamos ainda que as expressões nominais são indícios dessa heterogeneidade discursiva, assinalando a distintividade mesmo que haja a imbricação de pontos de vista. Assim, a ideia de distinção é mais um aspecto que nos conduz a uma reflexão sobre a emergência do estilo na construção do ponto de vista, sendo este também determinante da orientação argumentativa do texto.

Emergência do estilo e construção do ponto de vista: uma comparação entre reportagem e artigo de opinião

Para observar mais atentamente a emergência do estilo na construção do *pdv*, passemos à análise comparativa do artigo de opinião “Demagogia Juvenil”, assinado pelo colunista André Petry e da reportagem de Monica Weinberg e André Rizek “A casa, finalmente, vai cair”, ambos publicados na revista *Veja* em 23 mar. 2005.

Em termos gerais, podemos dizer que o estilo nesses textos é configurado por uma matriz sócio-ideológica ditada pela própria revista. Isto se evidencia por semelhante orientação argumentativa de ambos os textos que tratam do projeto do Governo do Estado de São Paulo para reestruturar a Febem. A finalidade do projeto, conforme os textos analisados, é diminuir o alto índice de violência que paira sobre estas unidades, o que dificulta a tentativa de reinserção e reeducação dos jovens infratores. Interessa notar que tanto o *artigo de opinião* quanto a *reportagem* fazem críticas ao governo pela demora em tomar tal medida, destacando que este projeto não é uma iniciativa do atual governo, cabendo o mérito ao ex-governador Mário Covas.

Tal argumento direciona ambos os textos em defesa dos menores infratores, o que é mais evidente no artigo de opinião devido à força ilocutória característica desse gênero. Assim, parece haver maior liberdade no artigo de opinião quanto ao manejo e seleção lexical. Isto permite ao autor operar maior recategorização lexical, pela seleção de termos com maior debreagem enunciativa, e assim, marcar sua identidade de colunista, seu modo de fazer crítica e opinar sobre os mais diversos assuntos em pauta na sociedade. É nesse ponto que o artigo de opinião se configura como um texto em que o “falante” projeta sua identidade social, como, por exemplo, a de colunista da revista “x”. É essa projeção de identidade que torna a variação estilística algo estratégico, conforme assinala Coupland (2001).

Nos dois textos seguintes, exemplos (3) e (4) que indicam, respectivamente, o artigo de opinião e a reportagem, é possível observar uma orientação argumentativa semelhante. Em nossa análise, enumeramos quatro referentes principais: a Febem, os jovens, o governo e a ação do governo. Em cada um dos textos, destacamos em negrito uma forma nominal avaliativa que evidencia *pdv afirmado* do locutor. Estas duas formas nominais foram destacadas, porque não progridem na cadeia referencial dos textos.

(3) Artigo de opinião

E o que diz o governo de São Paulo?

Diz que não pode resolver da noite para o dia problemas que começaram há anos e anos. Textualmente, o presidente da Febem, Alexandre de Moraes, *disse* o seguinte: "Eu seria leviano em afirmar que de uma hora para outra tudo vai melhorar. O que vem de trinta anos..." Claro, seria mesmo leviano prometer uma solução completa em tempo tão curto. Mas sua declaração tem **um defeito grave**: parte do princípio de que as atuais autoridades do governo paulista chegaram ao posto anteontem. É (9) uma enganação grosseira cujo objetivo parece ser apenas o de inocentar (6) um político que está no governo de São Paulo há – lembremo-nos – nada menos que dez anos! (7) O governador Geraldo Alckmin, (8) um tucano cuja plumagem vistosa alçou à condição de presidenciável, está no governo há anos e anos, portanto. (...). Como vice e titular, Geraldo Alckmin está lá há dez anos. Repetindo: dez anos.

Há dez anos, a Febem já era (1) um depósito humano, (2) uma universidade de degeneração, atrocidades e barbárie. Será que, no linguajar das autoridades que cuidam (4) da juventude infratora em São Paulo, uma década inteira quer dizer "de uma hora para outra"? Será que dez anos é pouco tempo para fazer uma reforma na Febem? Ou será que o governo só levou o assunto a sério depois que – com risco para sua "imagem" – começaram a pipocar descontroladamente fugas em massa e rebeliões sangrentas? Talvez este seja o ponto: o governador resolveu mexer no assunto (dignando-se, finalmente, a retomar (10) projetos relevantes inaugurados por Mário Covas) depois que *pressentiu* um risco à sua "imagem". É revoltante, mas parece que pouco importava que os jovens estivessem encarcerados (3) numa latrina humana enquanto isso não ferisse(7) a "imagem" do governo.

Eu defendo os jovens da Febem porque, além de tudo, ainda são (5) vítimas da demagogia das autoridades. (PETRY, André. Demagogia Juvenil. **Veja**, São Paulo, 23 mar. 2005, ed. 1897)

(4) Reportagem

Foram necessárias dezoito sangrentas rebeliões só nos três primeiros meses deste ano para que o governo estadual de São Paulo finalmente *anunciasse* (11) uma medida capaz de ajudar a conter a onda de violência que assola a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem): (12) a criação de internatos menores em substituição (1) às usinas de violência que são os megacomplexos da instituição. (...).

(13) O projeto de substituir (2) os megacomplexos por unidades menores não é do governador Geraldo Alckmin, mas de seu antecessor, Mário Covas. O ex-governador foi quem desativou a primeira unidade gigante, a Imigrantes, em 1999. Em 2002, Alckmin extinguiu mais uma, a de Parelheiros. Parou por aí. O (7) governador, embora não de maneira oficial, é até o momento (8) o candidato do PSDB para a eleição presidencial de 2006. Tucanos, quando querem referir-se à vulnerabilidade do governador a ataques de adversários, costumam brincar que Alckmin é como uma panela com teflon: nada gruda nele. Coincidentemente, porém, (7) o governador só *decidiu* retomar (14) o projeto de Covas depois que a ex-prefeita Marta Suplicy começou a usar a Febem para atacá-lo politicamente. Sinal de que (9) o tucano pode estar começando a duvidar da eficácia de (10) sua blindagem teflon.

Hoje, a Febem recebe (5) apenas infratores – que, no entanto, continuam sendo amontoados em (3) depósitos precários, com resultados como os que se viram no último dia 10. (15) O projeto de acabar com os megacomplexos, retomado agora pelo governo, se finalmente cumprido, poderá representar uma chance para que a instituição deixe de ser (4) um palco de barbáries para cumprir o que é o seu propósito: abrigar, com um mínimo de dignidade, (7) jovens que ameaçam a sociedade, ao mesmo tempo que

oferece a eles uma chance de vislumbrar um outro caminho que não o da violência. (WEINBERG, Monica e RIZEK, André. A casa, finalmente, vai cair. **Veja**, São Paulo, 23 mar. 2005, ed.1897)

Mesmo que a orientação argumentativa destes textos seja muito semelhante, como revelam os argumentos expostos e os referentes que participam da progressão tópica, não se pode deixar de ressaltar que as formas nominais possuem um arranjo lexical compatível a cada gênero, o que contribui para configurar o estilo. Sendo assim, pode-se observar, por meio do quadro a seguir, que a seleção lexical operada no artigo de opinião é mais suscetível à recategorização, o que se exemplifica pelos termos “universidade de degeneração”, “latrina humana”, “enganação grosseira”, “plumagem vistosa” e “blindagem”. Estes termos evidenciam *pdv afirmado*, sendo cunhados no próprio discurso do colunista, e não por influência de um *pdv* alheio retomado, como acontece com a expressão “uma panela com teflon”, que evidencia *pdv representado*, assinalando a perspectiva dos tucanos.

Neste sentido, observa-se na reportagem uma maior recorrência à sinonímia, como evidenciam as expressões relativas à ação do governo: “projeto”, “medida”, “pacote”. O termo “projeto” também é utilizado pelo colunista, porém com adjetivação em explícita defesa ao governador Mário Covas, justificando o termo “relevante”. Interessa também comparar as formas nominais referentes aos menores da Febem, pois se na reportagem há ocorrência de sinonímia pelas expressões “menores infratores” e “jovens que ameaçam a sociedade”, no artigo abre-se espaço para um efeito de sentido bastante específico com o uso da expressão “vítimas da demagogia das autoridades”, que recategoriza o referente.

Notamos, ainda, semelhanças na forma de se referir à Febem, já que os dois textos utilizam palavras com sentido negativo que dão visibilidade às condições violentas e desumanas em que estes jovens vivem. Tal escolha lexical reforça o argumento em defesa dos menores, ou seja, da necessidade de medidas para transformar a situação e resolver o problema. Interessante notar que o termo “depósito” aparece nos dois textos, porém com maior força ilocutória no artigo de opinião, no qual a Febem não é qualquer espécie de depósito, mas um depósito *humano*. Na reportagem, o termo depósito é determinado pelo adjetivo “precário”. Observamos também que a sinonímia é recorrente pela utilização dos termos “megacomplexo” e “gigante”.

O quadro abaixo elenca as principais formas de referência nominal utilizadas nos dois textos para a retomada dos principais referentes. Além de distinguir se o referente é

mencionado no artigo de opinião ou na reportagem, também identificamos no quadro a modalidade do *pdv* assinalada pela forma nominal, isto é, o tipo de *pdv* construído.

| REFERENTE | FORMA NOMINAL | | PDV |
|-----------------|--|---|-------------------------------|
| | <i>Artigo de opinião (AOP)</i> | <i>Reportagem (RM)</i> | |
| Febem | 1. um depósito humano 2. uma universidade de degeneração, atrocidades e barbárie 3. uma latrina humana | 1. as usinas de violência 2. os megacomplexos 3. depósitos precários 4. um palco de barbáries | <i>Pdv afirmado</i> |
| Jovens | 4. a juventude infratora em São Paulo 5. vítimas da demagogia das autoridades | 5. apenas infratores 6. jovens que ameaçam a sociedade | |
| Governo | 6. um político que está no governo de São Paulo há – lembremo-nos – nada menos que dez anos! 7. O Governador Geraldo Alckmin 8. um tucano cuja plumagem vistosa alçou à condição de presidenciável | 7. o governador 8. o candidato do PSDB para a eleição presidencial de 2006 9. o tucano | <i>Pdv afirmado</i> |
| | - | 10. sua blindagem teflon | <i>Pdv narrado e afirmado</i> |
| | 9. a sua “imagem” | - | <i>Pdv representado</i> |
| Ação do governo | 10. uma enganação grosseira 11. projetos relevantes inaugurados por Mário Covas | 11. uma medida capaz de ajudar a conter a onda de violência que assola a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem) 12. a criação de internatos menores em substituição às usinas de violência que são os megacomplexos da instituição 13. O projeto de substituir os megacomplexos por unidades menores | <i>Pdv</i> |

| | | | |
|--|--|---|-----------------|
| | | 14. o projeto de Covas | <i>afirmado</i> |
| | | 15. O projeto de acabar com os megacomplexos, retomado agora pelo governo | |

Quadro 1: Formas nominais e modalidades do *pdv* no artigo de opinião e na reportagem.

Quanto à seleção lexical das formas nominais, o quadro põe em destaque a tendência da reportagem (RM) para utilizar a sinonímia, enquanto que o artigo de opinião (AOP) tem maior liberdade para fazer uso da recategorização. Isto pode ser observado através da referência à “ação do governo”. Na RM, utilizam-se os termos “projeto” e “medida”. Como estes termos circunscrevem-se em um mesmo campo semântico, eles podem ser considerados sinônimos. Por outro lado, a referência no AOP cunha-se pelo termo “enganação”, que é uma recategorização do termo projeto, mas não uma sinonímia. Bastante explícita quanto ao *pdv* assumido por André Petry, a expressão “enganação grosseira” revela a maneira como o sujeito apreende e reinterpreta o objeto de discurso “projeto” em meio a outras vozes.

Esta diferenciação também pode ser observada na referência ao governo. No AOP aparece a expressão “um tucano cuja plumagem vistosa alçou à condição de presidenciável”, enquanto que na RM aparecem as formas nominais “o governador” e “o candidato do PSDB para a eleição presidencial de 2006”. Embora o locutor utilize na RM o termo “tucano”, este apresenta maior força ilocutória no AOP, o que se evidencia pela oração adjetiva “cuja plumagem vistosa alçou à condição de presidenciável”.

Cabe ainda ressaltar que a construção do ponto de vista nos dois textos é marcada pela alta incidência de *pdv afirmado*. Isso se explica pela natureza fortemente argumentativa dos dois gêneros. A ocorrência dos outros dois *pdvs*, o *narrado* e o *representado*, não chega a ser um índice expressivo que possa diferenciar os textos. As formas verbais destacadas em itálico no artigo de opinião “diz que” e “disse” revelam *pdv narrado* do governo, assim como os verbos de ação metalinguística: “decidir” e “anunciar” que aparecem na reportagem. Já o verbo “pressentir” que aparece no artigo de opinião indica *pdv representado* do governador. É ele quem *pressente* esse risco a sua “imagem”, segundo o colunista, que atribui à percepção a esse outro enunciador. Essa atribuição dá-se pelo uso do pronome possessivo “sua” e das aspas na palavra *imagem*, o que contribui para criar um efeito de ironia na construção desse objeto de

discurso, evidenciando o distanciamento do colunista em relação ao comportamento do outro – o diferente, a voz que é alvo de críticas.

A baixa incidência do *pdv narrado* e do *pdv representado* nos dois textos põe em destaque o alto teor argumentativo desses gêneros que se expressa através do *pdv afirmado*, conforme assinala o quadro. Ainda que haja sequências narrativas nos dois textos, eles são predominantemente argumentativos. Isto reforça a tese de que a neutralidade na reportagem é apenas uma ilusão de “objetividade” em contraste com a tão negada subjetividade. Além disso, a argumentação nos dois gêneros é marcada por certa diferenciação estilística, que se comprova pela seleção lexical dos termos que compõem as expressões nominais.

Nesse sentido, a construção do *pdv*, particularmente do *pdv afirmado*, funciona como um dispositivo a partir do qual o estilo emerge e se configura. Em outras palavras, a ocorrência do *pdv afirmado* dá-se por maior recorrência à recategorização no artigo de opinião, por um maior grau de manifestação da subjetividade, já que o autor projeta e maneja sua identidade de colunista crítico. Essa identidade tende a polemizar e ironizar, chamando atenção por uma espécie de distintividade, ou seja, para uma voz “diferente” que é a sua própria voz que vem se afirmar e sobrepor-se a um já-dito com o qual ela se confronta. Essa recategorização atrelada a outras vozes, a outros enunciadores distintos do locutor – jornalista e/ou colunista – faz com ele possa apresentar o *pdv* de outros e mesmo afirmar seu *pdv* de forma mais discreta distinguindo-se da voz do outro. Por outro lado, o *pdv afirmado* na reportagem dá-se por maior recorrência à sinonímia. Ou simplesmente pela alternância e/ou repetição de itens lexicais de um mesmo campo semântico, que configuram o estilo de um locutor que fala em nome da revista.

Considerações finais

A observação do estilo e construção do ponto de vista nos dois textos analisados evidencia o forte teor argumentativo da reportagem e do artigo de opinião, dada a alta incidência de *pdv afirmado* – um *pdv* que está na base da orientação estilística dos dois gêneros. Essa semelhança entre os gêneros não implica desconsiderar marcas estilísticas que os particularizam, assim como seus locutores, especialmente no artigo de opinião. Isso explica uma tendência maior à recategorização lexical no artigo de opinião, enquanto que na reportagem predomina a sinonímia e repetição. Assim, o estilo no artigo de opinião emerge por um sistema de distintividade em função da necessidade de

afirmação do *pdv* do colunista, que projeta e maneja sua identidade pessoal dialogando com a matriz ideológica da revista. A reportagem, por sua vez, como um representante direto desta matriz ideológica, tem na sua base discursiva uma estilização de caráter menos pessoal e mais institucional que contribui para projetar a identidade sócio-discursiva do produto.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3.ed. São Paulo: MartinsFontes, 2002.

BORDIEU, Pierre. **La Distinction : critique sociale du jugement**. Paris:Minuit, 1979.

_____. “The social and the genesis of groups”. In: **Social science information**. v.24, n.2, 1985.

COUPLAND, Nikolas. “Language, situation, and the relational self: theorizing dialectstyle in sociolinguistics”. In: ECKERT, Penelope (org); RICKFORD, John (org.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

DÉTRIE, Catherine. “Que voulez vous dire avec votre style ? ou le dialogue inachevable comme style.” In : NEVEU, Frank (org.). **Styles. Langue, histoire, littérature**. Paris: SEDES, 2001.

ECKERT, Penelope (org.); RICKFORD, John (org.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

IRVINE, Judith. “ ‘Style’ as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation.” In: ECKERT, Penelope (org.); RICKFORD, John (org.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

NEVEU, Franck. “Singularités linguistiques du discours – l’idiolecte : fiction ou réalité ? ” In: NEVEU, Franck (éd.). **Styles. Langue, histoire, littérature**. Paris: SEDES, 2001.

RABATEL, Alain. “Les représentations de la parole intérieure: monologue intérieur, discours direct et indirect libres, point de vue.” **Langue Française**, Armand Colin, Paris, n.132, 2001.

_____. “La dialectique du singulier et du social dans le processus de singularisation : style(s), idiolecte, ethos.” In: **Pratiques**, CRESEF, Metz, 135-136, 2007.

_____. **Homo narrans. Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Tome 1. Les points de vue et la logique de la narration.** Limoges: Éditions Lambert Lucas, 2009.

Reportagens analisadas

PETRY, André. Demagogia Juvenil. **Veja**, São Paulo, 23 mar. 2005, ed. 1897.

WEINBERG, Monica e RIZEK, André. A casa, finalmente, vai cair. **Veja**, São Paulo, 23 mar. 2005, ed.1897.